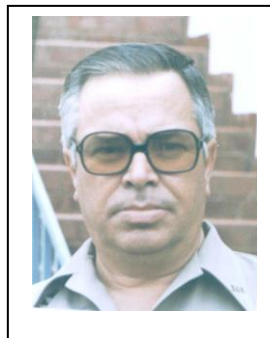


## HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE CRÍTICA DO BRASIL E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A PROFISSÃO SOLDADO E PARA O EXÉRCITO COMO FORÇA OPERACIONAL( **Artigo revista da PMSP**)



**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

**Digitalização de artigo do autor na Revista FORÇA POLICIAL da PMSP para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa para ser integrada no Programa Pérgamum de bibliotecas do Exército**



# A FORÇA POLICIAL

órgão de informação e doutrina da instituição policial militar

ANO 2004

OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO

Nº 44



BENTO, Cláudio Moreira Cel. História Militar Terrestre Crítica do Brasil - Importância para o Exército. **A Força Policial**, out/dez 2004, nº 44, p.17/27 (Revista da PMSP)

## HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE CRÍTICA DO BRASIL E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A PROFISSÃO SOLDADO E PARA O EXÉRCITO COMO FORÇA OPERACIONAL

*CLÁUDIO MOREIRA BENTO foi o coordenador, em 1970/71, do projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Foi instrutor de História Militar na AMAN entre 1978/80. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército entre 1985/91. Fundou e preside, desde 1996, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil.(A Revista Força Policial)*

A **História Militar Crítica** é a História que interessa ao profissional militar em geral, em todos os escalões, como instrumento precioso de aprendizagem da **Arte e Ciência Militar**, com apoio em experiências vividas, especialmente no campo de batalha, por profissionais militares.

Em síntese, a **História Militar Crítica é a História do Soldado**, e, em particular, a do chefe em todos os escalões, bem como do pensador e do planejador militar com vistas ao desenvolvimento progressivo de uma **Doutrina Militar**, ou de adaptação de uma Doutrina Militar importada às realidades operacionais de determinado país.

E isto foi o que fez o Duque de Caxias, ao adaptar, em 1862, a **Doutrina do Exército de Portugal**, grandemente influenciada pela **Doutrina do Exército da Inglaterra**, às realidades operacionais do Brasil e da Região do Rio Prata que ele vivenciara, inicialmente, no comando da **Polícia Militar da Corte**, quando protegeu o **Poder Central** durante o agitado período da Regência, e depois nas pacificações do **Maranhão**, de **São Paulo**, de **Minas Gerais**, do **Rio Grande do Sul** e na Guerra contra Oribe e Rosas (1851/52), de onde ele trouxe e adotou, como Ministro da Guerra, as estruturas subordinadas ao **Ajudante General do Exército**, encarregado da parte operacional da força, e a do **Quartel Mestre General**, encarregado da parte Logística da força. Estruturas que existiram até a criação do **Estado-Maior do Exército**.

E foi com a Doutrina Militar que Caxias adaptou, em 1862, às realidades operacionais brasileiras, que as **Forças Terrestres do Brasil** enfrentaram a **Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**, sem que se registrassem queixas de que a mesma não tenha correspondido então.

A **História Militar Crítica**, lamentavelmente, via de regra, tem sido confundida, entre nós, com a **História Militar Descritiva**, que consiste numa reconstituição de um fato histórico com o máximo de detalhes possíveis. Exemplos: um combate, uma batalha, uma manobra etc, sem entrar no mérito e evidenciar lições de **Arte e Ciência Militar** neles contidas etc.

E isto é tarefa para historiadores com cursos em faculdades e não para soldados. A estes cabe pragmaticamente transformar reconstituições históricas em lições de **Arte e Ciência Militar**, à luz de fundamentos de crítica da profissão Soldado, tais como **Princípios de Guerra, Manobra e Elementos, Fatores da Decisão Militar, Elementos do Fator Militar, Princípios de Liderança, Campos da Doutrina Militar (Organização, Equipamento, Instrução, Motivação e Emprego da força)** e muitos outros que abordamos em nosso manual **Como estudar, pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília - EME/AHIMTB/ EGGCF, 2000 - 2ª ed.(Disponível para baixar no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) )

Em princípio, todo Oficial de Estado-Maior deve ser um historiador militar crítico pragmático, capaz de retirar e absorver lições de Arte e Ciência Militar de reconstituições históricas feitas por historiadores profissionais formados em faculdades e que possuem técnica para tal.

Para Oficiais de Estado-Maior fazerem reconstituições históricas profissionalmente, teriam que possuir curso de **História em Faculdade**, salvo raras exceções. E, dentro de sua carreira de cerca de 30 anos, desviar sua atenção por cinco anos para uma Faculdade de História ou cursos de História Descritiva, às custas da força, seria um desperdício. A não ser na inatividade.

Recordemos o que grandes cabos de Guerra mundiais mencionaram, valorizando a História Militar Crítica:

**Jomini:**

*"O estudo da História Militar acompanhada de crítica sadia é, na realidade, a verdadeira escola da Guerra."*

**Frederico, o Grande:**

*"Eu estudo toda a espécie de História Militar desde César até Carlos XII. E a estudo com todas as minhas forças..."*

E ao condenar a **História Militar Descritiva** que estava sendo ensinada ao seu filho, ao repreender o professor para que ensinasse História Militar Crítica a seu filho:

*"Não ensine História a meu filho como se ensina um papagaio o fazendo decorar e a repetir como um papagaio. Ao contrário, faça-o raciocinar e tirar lições e conclusões objetivas."*

**Napoleão:**

*"O conhecimento superior da Arte da Guerra só se adquire pela história das guerras e das batalhas dos grandes Capitães. Façam a guerra como Alexandre Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Frederico o Grande, Eugênio. Leiam e releiam criticamente a História de suas campanhas e guiem-se por elas. Eis o único meio de se fazer um grande General e aprender os segredos da Arte da Guerra."*

**Moltke, o Velho:**

*"A História Militar por dominar inteiramente a conduta prática da Guerra é uma fonte inesgotável de lições de Arte Militar." (sic)*

**Ferdinand Foch:**

*"Para sustentar em tempo de paz o cérebro (comando) de um Exército, para prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma Guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações de que o livro da História Militar."*

**General Patton:**

*"A leitura objetiva (isto é crítica) da História Militar é condição de êxito para o militar. Deve este ler criticamente biografias, autobiografias de chefes militares. Quem assim proceder concluirá que a guerra é simples."*

E esta a idéia do que consiste História Militar Crítica, que, em geral, entre nós, é confundida e ministrada como História Descritiva, inconsequente para o desenvolvimento do instruído ou do leitor em Arte e Ciência Militar, ou para a profissão soldado, em razão do seu desprestígio, como balela, pelas gerações anteriores ao ano de 1950, às quais, via de regra, foi ministrada **História Militar Descritiva** em vez de **História Militar Crítica**.

Toda a instrução e ensino militares sintetizam ensinamentos resultantes da pesquisa e estudo crítico da História Militar, levado a efeito por chefes, planejadores, pensadores e historiadores militares críticos na História Militar da Humanidade ou na de um país considerado.

O conteúdo da instrução militar é fruto, em grande parte, da experiência adquirida no campo de batalha. Em última análise, obtida na **História Militar Crítica**.

O laboratório mais completo da Doutrina Militar, portanto, é o **Campo de Batalha**.

Recordemos como chefes militares brasileiros contemporâneos se manifestaram em relação à importância da História.

Gen Ex Aurélio de Lira Tavares, no Instituto Histórico e Geográfico, em 12 de dezembro de 1966, como sócio da casa e um ano antes de ser o 1º Ministro do Exército do Brasil, pois antes esta função era denominada Ministro da Guerra.

***"Há um sentido mais nobre e mais alto no estimular os esforços dos que se dedicam ao estudo e pesquisa da História, guiados pela consciência do seu verdadeiro e grande papel na formação do espírito da coletividade... E é assim que entendem os povos zelosos de seus destinos... A História Militar Crítica é, sem dúvida, o complemento obrigatório da preparação profissional do chefe e condutor de homens, destinado a guiá-los para a vitória, no comando de operações militares... A História Militar tem que ser elemento fundamental da Cultura do Chefe Militar. Foi assim que sempre a entendi! E foi por isso que me habituei a estudá-la e nunca deixei de estudá-la do primeiro ao último posto da hierarquia militar."***

O Gen Ex Emílio Medici, como Presidente da República, em 1970, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em certa altura de seu discurso de posse como Presidente de Honra e que viabilizou com empréstimo federal as novas instalações da Casa, hoje de justiça obra com o nome de seu construtor Pedro Calmon, falou:

***"Aqui também podemos afirmar que não se governa sem historiadores. E nós, os brasileiros, podemos dizê-lo melhor do que ninguém. Pois, pacificamente nenhum país cresceu mais do que o nosso pela pesquisa e análise de nossos historiadores."***

E creio que ali lhe veio à lembrança o grande historiador civil e militar Barão de Rio Branco, que havia presidido o IHGB, onde foi admitido como sócio muito jovem.

Por mais de 35 anos, o Exército confiou o ensino de História Militar, na AMAN, a oficiais instrutores com o Curso de Estado-Maior e mais capacitados a orientar o estudo crítico da História Militar, por noções específicas lá adquiridas.

Em 1978/80, participamos de equipe na AMAN que, com apoio financeiro do Estado-Maior do Exército, preparou e editou, expressivamente enriquecidas com novos assuntos, as obras **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil** (2 v. texto e mapas).

De nossa parte, publicamos ainda, com apoio do EME, o manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, já em 2ª edição e distribuído pelo EME às ECEME, EsAO, AMAN e Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Eles foram a síntese de trabalhos de Oficiais de Estado-Maior, instrutores de História Militar entre 1950/1978, que se destacaram por seus conhecimentos inovadores de **História Militar Crítica**: os hoje General Álvaro Cardoso e Coronel Francisco Ruas Santos.

Ao visitarmos a Biblioteca da AMAN, concluímos que aqueles dois primeiros livros citados continuam sendo distribuídos aos cadetes, onde eles podem aprender e praticar **História Militar Crítica**, em razão de os citados livros abrigarem o processo de ensino para tal fim.

Em nosso tempo de cadete ainda predominava a **História Militar Descritiva**, com apoio em obras do General Cordolino de Azevedo, que, por cerca de 26 anos, de 1923 a 49, fora instrutor de História Militar no Realengo e depois na AMAN. E o General Cordolino escreveu, em setembro de 1949, ao deixar a cadeira de História, depondo sobre as grandes dificuldades que enfrentara e que merecem reflexão madura:

***"Durante 26 anos fiquei à frente da Cadeira de História Militar... No decorrer desse largo período foram várias as extensões dos programas. Estes sempre modificados. Ora por regulamentos que determinavam os assuntos e a maneira de transmiti-los. Ora por determinações expressas de autoridades a que estava subordinado. Daí as profundas modificações na extensão e na natureza, às vezes inopinadas, sem tempo para coordená-las e transmiti-las com proveito. No tocante à História Militar do Brasil, chegou-se a este extremo. Seu estudo compreendeu, às vezes, o início de nossa vida colonial, as lutas contra as invasões estrangeiras, todas as nossas campanhas com os povos vizinhos, até 1º Março de 1870, em Cerro Corá. Vezes houve que de todo o nosso glorioso passado militar só se deveria estudar uma única campanha por ano letivo. Quanto à História Militar Geral, seu***

**estudo foi alvo de profundas modificações. Desde Maratona, até nossos dias, em alguns programas. Em outros, em dose mínima, o estudo de algumas campanhas notáveis. Aconteceram que houve vezes em que se estudaram assuntos que em nada nos podiam interessar. Disto ficou alguma coisa de minha longa permanência na cadeira de História Militar. Daí os meus 2 livros agora publicados."**

Esses livros, valiosos e objetivos em seu tempo, foram reeditados pela BIBLIEx, mas não refletem **História Militar Crítica** e só podem servir como fontes de consulta.

A nós, parece que melhor teria sido a reedição dos dois livros de História Militar Crítica editados pela AMAN em 1978 e fruto de 28 anos de pesquisas de História Crítica realizadas por oficiais instrutores com o Curso de Estado-Maior. Mas estão eles gastos pelos 24 anos de uso e, creio, orgulhosos os que os elaboraram de missão bem cumprida, a qual se estendeu até a EsAO e ECEME, especialmente o original **História da Doutrina Militar**.

Hoje, o ensino de História passa por uma fase de modernização, como todo o ensino no Exército, do qual desconhecemos detalhes e como se desempenham, no ensino de História Militar Crítica, instrutores tenentes formados em faculdades de História, substituindo a tradição de 1950-80, cerca de 30 anos de oficiais instrutores com Curso de Estado-Maior.

E, no início da fase de oficiais instrutores de História Militar na AMAN, com Curso de Estado-Maior, não se pode deixar de mencionar o vibrante e criativo Major Otávio Costa, cujas aulas eram muito esperadas e criativas, chegando ao ponto de, durante as suas aulas vibrantes de patriotismo, colocar ventiladores em locais discretos para fazer a Bandeira Nacional trapejar como se estivesse sendo soprada pelo vento. Ele ficou na lembrança de seus alunos, que o recordam com carinho decorridos 50 anos.

No tocante ao estudo de **Geografia Militar**, houve, ao longo dos anos, salvo melhor juízo, um desvio do objetivo inicial com o qual o Coronel José Pessoa havia introduzido o assunto na Escola Militar do Realengo, com base no que constatara na Escola Militar da França, que frequentara em Saint Cyr, depois de haver combatido na 1ª Guerra Mundial no Exército da França, no comando de um pelotão de soldados turcos incorporados num Regimento de Cavalaria francês.

**Geografia Militar**, também tratada de **Geobélica**, tem o sentido de Geografia do Soldado, por estudar as repercussões do fator da decisão militar, o terreno, nas operações militares, com a profundidade compatível com o escalão operacional considerado. Foi encarregado de ministrar o assunto o Tenente-Coronel Francisco de Paula Cidade, grande estudioso que participara da **Revista Militar** criada na 3ª Região Militar, em 1910, e depois como **Jovem Turco** da fundação da **Revista A Defesa Nacional**.

Ele elaborou o excelente e original estudo **Notas de Geografia Militar Sul-Americana** em 1934, na Escola Militar do Realengo, com apoio de seu comandante, o Cel José Pessoa, e reeditada pela BIBLIEx em 1942, depois de atuar como instrutor do assunto na **ECEME**, até de lá sair para comandar a unidade de Infantaria em Corumbá, durante a **Guerra do Chaco Paraguai x Bolívia**.

Em 1966, a BIBLIEx publicou o seu valioso, original e pioneiro ensaio **O Rio Grande do Sul - Explicação da História pela Geografia**, in: **DOIS ENSAIOS DE HISTÓRIA**.

E de lá para cá a Geografia Militar tomou caráter mais de Geografia Militar Econômica, visando ao concurso para a ECEME, do que de Geografia Militar ou de Geografia do Soldado, enfocada quanto ao fator da **Decisão Militar - o Terreno** (Observação, Cobertas e Abrigos, Campos de Tiro, Obstáculos, Vias de Acesso e Acidentes Capitais) - conforme o escalão.

Creio que disto só restou o processo de **Levantamento Estratégico de Áreas** decorrente da aplicação, no caso, do **Discurso do Método de Descartes**, do qual também se origina o **processo - e não método - de Estudo de Situação Militar**. O

**Discurso do Método de Descartes** origina incontáveis processos de solução de problemas específicos e não **Métodos**, conforme aprendemos em **Curso de Organização e Métodos**, no DASP, em 1970.

Por oportuno, outra ideia entre alguns colegas na ECEME, em 1967/69, era de que a Doutrina Militar era algo rígido e imutável, mas depois, pesquisando o assunto entre pensadores militares mundiais, chegamos à conclusão que uma **"Doutrina Militar de permanente só tem dois fatores, o homem e sua contínua mudança."**

O citado livro do General Paula Cidade, **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**, ao que consta, teve melhor aproveitamento nos exércitos sul-americanos, pelos preciosos ensinamentos que ministrava, do que no nosso, onde ele não teve, ao que parece, quem o substituísse e desse prosseguimento a este assunto relevante trazido da França pelo Cel José Pessoa e por ele introduzido na Escola Militar do Realengo.

Outro conhecimento que nos parece, mereceria ser desenvolvido no DEP, no setor de Pesquisa, seria a **Geo-História Militar Terrestre**, ou seja, a **Geografia da História Militar Terrestre do Brasil**, do que nos deu preciosas indicações o professor Floriano de Paula, em seu estudo pioneiro, na Universidade Federal de Minas Gerais, na sua preciosa obra **Geografia da História** (Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1972), que mereceu do Major José Fernando Maia Pedrosa, então instrutor de História Militar na ECEME, nas orelhas ou abas da obra, este comentário:

**"Que o mestre professor Floriano de Paula sugeria em seu livro, a grande responsabilidade das gerações futuras, diante da incontestável importância do Brasil, na conturbada cena internacional, onde a ambição e os expansionismos de inspiração ideológica, ou não, aí estão de olho no nosso crescimento."**

De lá para cá se passaram 32 anos e, ao escrevermos para a ECEME, **Amazônia Brasileira - Conquista. Consolidação. Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia. 1616-2003**. Porto Alegre: AHIMTB, 2003, constatamos, através de diversas fontes, as enormes pressões internacionais denunciadas, exercidas sobre a Amazônia pela ambição internacional. Constatar isto é fruto de simples verificação e raciocínio!

E, neste caso, me cabe lamentar a equivocada edição, pela BIBLIEx, por indicação de seu Conselho Editorial, do livro de Jean Soublin, **História da Amazônia**, contendo diversas e graves deformações de nossa História, das quais cabe citar a falsa insinuação de o Exército Brasileiro haver praticado um genocídio de índios Waimiris, em 1974, se não bastasse o grande equívoco de já haver publicado o livro **Cerne da Discórdia**, e se antes não houvesse a BIBLIEx proporcionado o lançamento, no Forte de Copacabana, do livro **A Noite das Grandes Fogueiras**, de Gilberto Meireles. E difícil entender estas iniciativas, que devem ter uma explicação de razão de Estado do Escalão Superior, ao qual a BIBLIEx é subordinada.

E por se falar em **História Militar Crítica**, vale lembrar o trabalho conjunto do Cel Francisco Ruas Santos e do Major José Fernando Maia Pedrosa na obra: **ESCOLA DE ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Marechal Castelo Branco seu Pensamento Militar** (Rio de Janeiro: Secretaria Geral do Exército, 1968).

Existem outros estudos de História Militar Terrestre Crítica, entre eles nos vêm à mente os pensadores militares Cel João Batista Magalhães e o Cel Amerino Raposo Filho, deste último destaque **A Manobra na Guerra**, que nos foi de grande utilidade como aluno da ECEME, originário de uma arma de apoio, e mais **Caxias e os Problemas Militares Brasileiros** (Rio de Janeiro: Secretaria Geral do Exército, 1969), que em seu capítulo VI aborda o relevante assunto: **"Caxias, o inspirador de nossa doutrina militar"**.

A **História Militar Crítica**, que desenvolvemos em nosso livro **As Batalhas dos Guararapes. Descrição e Análise Militar** (Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971, 2v. e ora reeditada pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil em comemoração ao 10º Aniversário da criação do Dia do Exército) é uma obra que

elaboramos com apoio em conhecimentos de Arte Militar adquiridos em Curso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1967/69), aplicados a fontes históricas que lá encontramos sobre o tema.

E creio que, militarmente, foi muito enriquecedor a da História Crítica Militar Terrestre do Brasil e até reveladora de um grande e valoroso soldado esquecido, o Sargento Maior Antônio Dias Cardoso, hoje nome de uma rua de bairro da AMAN e de uma das turmas dela egressas, além de patrono das *Forças Especiais do nosso Exército*.

Estudo crítico revelou que os generais dos invasores, na Europa, tratavam a reação luso-brasileira original, à base de guerrilhas, de **Guerra Brasília**.

E assim esperamos que neste artigo consigamos convencer os militares da importância prática para um Exército e, não só em teoria, como ela é exaltada, da História Militar Crítica e da necessidade de que os que a ela se dedicam sejam ouvidos, e não como aconteceu com o General Cordolino de Azevedo, como se pode concluir de seu disciplinado desafabo que esconde muita informação e lições por detrás do que ele mencionou.

E isto interessa ao nosso Exército, como sempre interessou, e foi usada por exércitos de grande nações, potências e grandes potências, na procura de estabelecer, regulamentada, uma ***Doutrina Militar a mais genuína possível***, compatível com o destino de grandeza do Brasil, que hoje luta por um assento no Conselho de Segurança da ONU.

A nossa **História Militar Crítica** revelou que os grandes problemas militares brasileiros foram enfrentados e solucionados por doutrinas originais desenvolvidas no calor da luta, como o caso da **Guerra Brasília** contra o invasor holandês de 1624/1654; a **Guerra à Gaúcha**, contra o invasor espanhol no Rio Grande do Sul de 1763/1776; e sem deixarmos de mencionar as lições da **Guerra do Mato**, desenvolvidas por quase um século no **Quilombo dos Palmares**, por seus defensores e atacantes, e vai por aí. Na Amazônia, seguramente serão levantadas e desenvolvidas doutrinas militares originais, para a sua defesa, com apoio nas lutas que ali tiveram lugar. E doutrinas militares indígenas poderão ajudar na formulação da doutrina militar de Resistência que ali se está procurando implementar.

O historiador civil formado em Faculdades de História não possui as condições ideais de realizar História Militar Terrestre Crítica, e sim fazer reconstituições de História Militar Descritiva para que o historiador militar crítico, com formação em Arte e Ciência Militar, o faça ao nível dos cursos militares que possua e com mais profundidade os com cursos de Estado-Maior e CPAEx.

Em 1972, o **Estado-Maior do Exército**, através de sua **Comissão de História do Exército**, reuniu em Brasília professores de História e Bibliotecários convidados em todo o Brasil para lhes ministrar um **Curso de Pesquisadores de História das Forças Terrestres Brasileiras**.

Creio que somente nós o aproveitamos, pela vivência militar que eles não possuíam; ao contrário, foi fácil adquirir noções de biblioteconomia que eles possuíam. Eles tinham dificuldades para saber o que era cantil, baioneta, bandoleira e vai por aí. E nenhum deles deu retorno aos ensinamentos pretendidos.

Na falta de um efetivo apoio editorial para historiadores militares brasileiros críticos, em razão de a BIBLIEx atuar como um **Clube do Livro**, cujo editorial, penso, seja função dos interesses dos seus associados e não dos interesses dos profissionais do Exército, assinalo como fato relevante a colocação na Internet, para consultas, das monografias elaboradas por alunos da ECEME e do CPAEx. Eu mesmo referenciei, pioneiramente, em nosso citado trabalho **Amazônia Brasileira**, as que tratam de assuntos militares referentes àquela estratégica área onde nosso Exército se faz cada vez mais presente.



E aqui concluo este artigo, na esperança de que leitores interessados nos problemas do Exército o leiam e concluam o que pode dele ser deduzido e não foi abordado diretamente.

E o concluo evocando palavras dos **Jovens Turcos** que fundaram a **Revista A Defesa Nacional**, há 91 anos, expressas no Editorial do primeiro número da Revista, em 10 de outubro de 1913, republicado pela **História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de Um Povo**, em 1972. v.2, p. 805, e que em rodapé traz esta nota:

**"O Exército de hoje muito deve à campanha reformista desenvolvida por esta revista."**

E em certa altura do Editorial, que traduziu o programa dos Jovens Turcos, se lê:

**"Estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica; e de que criticar é um dever; de que o progresso é obra dos dissidentes. Esta revista foi fundada para exercer o direito que todos temos, de julgar as coisas que nos afetam, segundo o nosso modo de ver e de darmos a nossa opinião a respeito...Em todas as coisas da vida é preciso não esquecer nunca a época em que elas foram feitas e o espírito que as ditou. Muito do que hoje nos parece deslocado e anacrônico, foi racional e aceitável a seu tempo, assim como o que hoje nos parece excelente será criticável amanhã. "**

E, pois, com este espírito que coloco o presente artigo à consideração dos leitores e pesquisadores interessados no melhor futuro do nosso Exército como instituição nacional permanente e força operacional.

Leitores, especialmente, com responsabilidade de Estado pelos destinos do Exército, para prevenir que abrigue equívocos duradouros de difícil percepção, como ocorreu com o histórico equívoco do Exército dominado pelo bacharelismo de 1874/1905, em detrimento do profissionalismo militar, como o registrou, entre outros, o **Jovem Turco** Marechal Estevão Leitão de Carvalho, em suas **Memórias**, e o General Tasso Fragoso, na apresentação de seu clássico **A Batalha do Passo do Rosário**, o que valeu ser considerado pelo então Chefe do EME General de Exército Antônio Carlos da Silva Muricy, como **" O Pai da História Crítica do Exército."**